

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COMO LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA PARA ESTUDANTES DE JORNALISMO

Janaíne Kronbauer¹
ksjanaine@gmail.com

RESUMO

O presente relato objetiva descrever, registrar e refletir sobre uma atividade laboratorial realizada durante quatro semestres letivos junto ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (JOR-UFSC), na disciplina de Linguagem e Texto Jornalístico I. O exercício consistiu na produção de entrevistas pingue-pongue por parte de estudantes da primeira fase do curso, que escolheram suas fontes com base em interesses pessoais e na relevância da pauta a ser abordada. A pretensão foi mobilizar graduandas e graduandos a se envolverem em uma nova dinâmica produtiva vinculada à profissão e, com ela, experimentar, já no início do curso, um movimento que os prepararia para futuras atividades discentes e profissionais. Ao longo de dois anos, um total de 118 estudantes estiveram envolvidos na atividade.

PALAVRAS-CHAVE

Prática pedagógica laboratorial. Aprendizagem significativa. Entrevista jornalística.

1. INTRODUÇÃO

A cada semestre, duas novas turmas ingressam no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (JOR-UFSC). As seis primeiras disciplinas com as quais têm contato são as de Áudio e Radiojornalismo, Fundamentos e História do Jornalismo, Fotografia e Fotojornalismo, Iniciação ao Trabalho Acadêmico, Jornalismo, Identidade, Diversidade e Gênero, e Linguagem e Texto Jornalístico I.

Durante quatro semestres, entre 2022/2 e 2024/1, atuei como professora substituta da disciplina de Linguagem e Texto Jornalístico I, período em que

¹ Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora colaboradora no Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista CNPq-FAPESC de estágio pós-doutoral júnior no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

desenvolvemos diferentes atividades formativas. Essas atividades abrangeram desde a produção de pautas, sua apuração e redação e edição de notícias até a realização de entrevistas coletivas e individuais. O objetivo deste trabalho é, além de registrar, compartilhar a experiência com uma dessas práticas pedagógicas de perfil laboratorial: a da realização de entrevistas individuais no formato pingue-pongue pelas turmas.

No primeiro módulo da disciplina, as discussões centraram-se em questões conceituais e procedimentais em torno da produção de notícias. No segundo, buscou-se avançar na aplicação prática daquilo que se discutiu previamente. Nesse processo, além de notícias individuais produzidas semanalmente, foram realizados outros tipos de interlocução que também resultaram em notícias, como entrevistas coletivas, em sala de aula, com jornalistas convidadas (Kronbauer, 2024) e entrevistas individuais. O propósito dessas atividades foi inserir as turmas em um contexto de experimentação, como em uma espécie de treinamento prático, que “passasse pelo corpo” (Miranda; Ayres, 2020) das e dos estudantes e favorecesse, por fim, aprendizagens significativas (Moreira, 2012).

No caso das entrevistas individuais, última atividade proposta em cada um desses quatro semestres e foco deste relato, as turmas foram incentivadas a buscar como fontes pessoas (possivelmente anônimas) com as quais pudessem abordar pautas importantes e interessantes (Lage, 1985). Além disso, recomendou-se que os estudantes visualizassem alguma proximidade e/ou afinidade com a pessoa a ser entrevistada, o que poderia facilitar essa interlocução primeira.

Na próxima seção, serão apresentadas a estrutura da disciplina e suas principais rotinas.

2. A DISCIPLINA DE LINGUAGEM E TEXTO JORNALÍSTICO I

As três mil horas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina são distribuídas em uma matriz curricular que contempla seis eixos², todos eles elaborados a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). A disciplina de

² Os eixos indicados pelas DCNs são: I - Eixo de fundamentação humanística; II - Eixo de fundamentação específica; III - Eixo de fundamentação contextual; IV - Eixo de formação profissional; V - Eixo de aplicação processual; e, VI - Eixo de prática laboratorial.

Linguagem e Texto Jornalístico I integra o eixo de formação profissional, o quarto recomendado pelas DCNs. Com o objetivo de “fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística” (DCNs, 2013, p. 5), esse eixo tem na disciplina um dos primeiros espaços de produção dos estudantes na área de redação jornalística, funcionando como um componente basilar para as demais etapas do curso.

Com o objetivo de “Proporcionar aos estudantes a compreensão da notícia e seus processos de produção, aliando conhecimentos teóricos e práticos acerca deste gênero jornalístico” (UFSC, 2015), o componente se articula com a ementa, a qual reconhece na “Linguagem jornalística. Conceito e estrutura da notícia. Noções de noticiabilidade. Introdução à pauta e à notícia” seus objetos de estudo. A carga horária total é de 72 horas-aula, distribuídas em 18 encontros ao longo do semestre

Ainda que sua principal característica seja a prática laboratorial, na disciplina também são tratadas questões de perfil teórico e conceitual, pois se busca inserir as turmas em um contexto crítico e reflexivo desde o início do curso. Por este motivo, a disciplina é organizada em duas unidades³ que permitem avançar tanto na identificação e caracterização inicial de textos jornalísticos, com a exposição de conceitos e processos, quanto na atividade prática, com a hierarquização e contextualização da notícia e técnicas de redação iniciais, como o *lead* e a pirâmide invertida.

Entre os temas discutidos no início do semestre, destacam-se: as definições acerca dos gêneros jornalísticos (com ênfase no gênero informativo, que é o foco da disciplina), a linguagem utilizada na estruturação de textos noticiosos, noções básicas de noticiabilidade, a construção da pauta jornalística, bem como os processos de apuração, redação e edição de notícias.

Desde o primeiro semestre em que atuei como docente da disciplina, propus, como atividade final para o componente, a realização de entrevistas individuais no

³ Unidade 1. A notícia; Unidade 2. Redação da Notícia

formato pingue-pongue por parte das turmas⁴. As produções resultantes desta etapa serão abordadas na próxima seção.

3. ENTREVISTAS PINGUE-PONGUE: INDIVIDUAIS, *IN LOCO E* DIALÓGICAS

No jornalismo entrevistas individuais configuram-se como um tipo específico de interação. Com fins variados, delas podem resultar grandes “achados” e também interlocuções singulares, revelando informações até então desconhecidas e/ou exclusivas – seja para a pessoa que a realiza, seja para sua eventual audiência. A entrevista individual no formato pingue-pongue envolve dois agentes: de um lado, o profissional de jornalismo, responsável pela condução da conversa e pela formulação das perguntas; de outro, a fonte a ser entrevistada (habitualmente contatada de modo prévio para que o diálogo pudesse ocorrer e ser, inclusive registrado).

Com essa compreensão, durante minha atuação como professora substituta no curso de Jornalismo da UFSC, de 2022/1 a 2024/1, propus que cada estudante realizasse uma entrevista individual. A intencionalidade pedagógica dessa atividade foi mobilizar as turmas a participarem de uma prática experimental de aprendizagem, pois até então aquele exercício ainda era desconhecido para elas. Assim, ao longo de dois anos, oito turmas de calouros foram orientadas a conduzir entrevistas individuais, presencialmente, no formato pingue-pongue. Sempre que possível, a indicação era para que buscassem avançar em profundidade no diálogo estabelecido com a fonte.

A proposta foi apresentada no início de cada um dos quatro semestres, para que os estudantes tivessem tempo de pesquisar, analisar e convidar fontes da “vida real” dispostas a participar da dinâmica. O ápice do processo seria o momento de realização da entrevista, seguido da transcrição, decupagem e edição do texto final.

Preparação e etapas da atividade - Antes da realização das entrevistas, os estudantes tiveram contato com leituras e discussões em grupo que tratavam desse tipo peculiar de interação. Dentre os textos trabalhados, destaque para as produções das

⁴ Além dela, de modo preparatório, também foram realizadas por três semestres, entrevistas coletivas com jornalistas profissionais em sala de aula, prática registrada em comunicação feita no VII Erejor-Sul 2024.

autoras Ana Estela de Souza Pinto⁵, Cremilda Medina⁶ e Taís Mendonça Jorge⁷. Ainda na etapa anterior à entrevista propriamente dita, cada estudante apresentou individualmente à docente sua proposta de pauta e os argumentos que justificavam sua escolha, simulando um exercício cotidiano da atividade jornalística: o diálogo e a defesa da pauta pelo(a) profissional jornalista junto ao editor(a).

De modo concomitante à preparação teórica para a realização das entrevistas individuais, as turmas foram orientadas quanto aos modos de proceder antes, durante e após sua concretização, com ênfase no trato pessoal com as fontes. Nesses momentos, em sala de aula, recebiam indicações sobre maneiras de agir, o contato com fontes em potencial, sua apresentação pessoal, questionamentos a serem feitos e a própria operacionalização da entrevista.

Durante três dos quatro semestres em que foram realizadas, as entrevistas individuais foram precedidas por uma experimentação preparatória: entrevistas coletivas com jornalistas profissionais em sala de aula. Nessas ocasiões, as turmas puderam observar a dinâmica da entrevista em grupo, identificando desafios como a necessidade de atenção ao que a fonte diz e a superação de dificuldades pessoais, como introspecção excessiva.

Em 2024/1, inclusive, a partir da sugestão de um estudante que já desenvolvera a atividade em 2023/2, foram realizadas simulações da entrevista individual no ambiente da sala de aula, com os alunos assumindo o papel tanto de entrevistadores quanto de entrevistados.

A entrevista *in loco* e o registro da interação - Para garantir que todos tivessem tempo hábil para realizar a entrevista, um turno de aula foi reservado para essa atividade. A dinâmica da entrevista deveria ser presencial, *in loco*, sem o uso recursos remotos, valorizando a interlocução direta, “olho no olho” – um elemento essencial para a construção da confiança entre jornalista e fonte, e que também

⁵ PINTO, A. E. S. **Jornalismo diário** – reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2014.

⁶ MEDINA, C. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Summus, 1986.

⁷ JORGE, T. M. **Viver o jornalismo**: a entrevista no dia a dia da profissão. Brasília: Editora da UnB, 2019.

possibilita a observação de aspectos da comunicação não verbal da fonte, os quais poderiam ser inseridos no texto final.

Cada estudante ficou responsável por definir, junto à fonte, um local adequado para a entrevista, evitando espaços ruidosos ou que pudessem sofrer algum tipo de interferência externa. Para que depois pudessem ser transcritas, decupadas e editadas, convencionou-se que as entrevistas seriam gravadas em áudio, com a autorização da pessoa a ser entrevistada. Além disso, solicitou-se um registro fotográfico do encontro. Poucas vezes houve recusa à fotografia, combinando-se, então o posterior envio de uma imagem do arquivo pessoal da fonte.

Edição e produto final - Após a entrevista *in loco*, as turmas transcreviam os áudios, utilizando ou não ferramentas de apoio. O material bruto foi decupado e editado, com ajustes na redação, incluindo a supressão de vícios de linguagem e expressões coloquiais excessivas.

Na etapa final, as entrevistas foram formatadas em um *template* padrão, inspirado nas "Páginas Amarelas" da revista *Veja*. A seção, da qual resultou a coletânea *VEJA: história é amarela: uma antologia de 50 entrevistas da mais prestigiosa seção da imprensa brasileira*⁸, foi também apresentada às turmas para que tivessem contato com um produto que, por muito tempo, foi considerado como um modelo clássico do gênero no país.

Ao longo de dois anos, aproximadamente 120 estudantes participaram da atividade. O exercício resultou em uma produção diversificada de entrevistas e possibilitou aos alunos o contato com uma experiência prática significativa. A cada novo semestre, as turmas tiveram estudantes que se destacaram na realização das entrevistas individuais. Alguns exemplos são ilustrados a seguir:

- **2022|2:** Uma graduanda que estava em São Paulo (SP) conseguiu entrevistar com um ex-detento do Complexo do Carandiru, sobrevivente do massacre perpetrado pela Polícia Militar paulista em outubro de 1992. O material abordou uma pauta ainda hoje delicada e que mobiliza a defesa pelos direitos humanos.

⁸ A obra, publicada pela editora Abril em 2017, reúne 50 entrevistas veiculadas na seção ao longo de meio século.

- **2023|1:** Um professor do curso de Cinema da UFSC, conhecido por ser absolutamente discreto, concedeu entrevista para uma estudante aficionada por fotografia e pela sétima arte. Após receber a avaliação, a aluna fez ajustes na redação do texto e buscou espaço para sua publicação, que saiu no *Caderno Cultural Expressões*⁹, projeto de extensão vinculado ao Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Também naquele semestre, o depoimento pessoal de um estudante com Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH) foi revelador: ele afirmou que a atividade o incentivou a manter o foco na entrevistada, uma mãe solo, e que, mesmo sendo um desafio, aquela havia sido uma de suas melhores experiências no curso até aquele momento.

- **2023|2:** Logo após o início do conflito entre Israel e o grupo Hamas, na Faixa de Gaza, uma estudante caloura entrevistou um descendente direto de palestinos residente em Florianópolis. A entrevista evidenciou a importância da luta constante por direitos humanos e também foi utilizada na produção da matéria que venceu a categoria de melhor reportagem de rádio no 12º Prêmio Microfone de Ouro da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT).

- **2024|1:** Uma estudante entrevistou um dos principais criadores da chamada *Feirinha da UFSC*, que acontece regularmente às quartas-feiras na Universidade desde 2006. Além de resgatar o histórico da feira, na entrevista momentos sensíveis e de desafio para os pequenos produtos rurais (como o período da pandemia de Covid-19) foram abordados. Outra entrevista de destaque foi conduzida por uma aluna que conversou com um taxista de Florianópolis interessado em transformar as histórias vivenciadas junto a seus passageiros em um livro. Durante os dias de contato com o entrevistado, e posteriormente, em conversa com sua terapeuta, a estudante descobriu que sua fonte apresentava características de esquizofrenia – fato que não impediu a realização da entrevista, mas a fez compreender que, na prática do jornalismo, situações inesperadas/surpreendentes podem surgir a qualquer momento.

Algumas das reflexões derivadas dessa atividade serão abordados a seguir.

⁹ Na forma de revista eletrônica, acessível pelo link <https://cadernoexpressoes.ufsc.br/>, o espaço objetiva compartilhar e fazer circular conhecimentos, experimentações e informações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita neste relato, ao mobilizar a presença ativa de estudantes ingressantes do curso de Jornalismo da UFSC – desde a escolha da fonte a ser entrevistada até a apresentação final dos materiais –, buscou proporcionar aprendizagens novas para os discentes. Por se tratar de uma disciplina de perfil laboratorial, Linguagem e Texto Jornalístico I envolveu as turmas em uma atividade previamente embasada em leituras de textos de referência e discussões coletivas. Isso permitiu que as e os graduandos se envolvessem e experimentassem desafios típicos de seu futuro contexto laboral.

A grande maioria das entrevistas resultou em produções bem-sucedidas. Houve casos, no entanto, em que o produto final apresentado não alcançou o resultado esperado. Em alguns semestres, especialmente no primeiro em que a atividade foi proposta, houve estudantes que enfrentaram dificuldades para encontrar fontes e, diante da necessidade de cumprir a tarefa, recorreram a familiares ou professores como fontes. Desde o início, a recomendação era evitar esse tipo de abordagem, mas, considerando a progressão pedagógica dos alunos e a necessidade de avaliação da atividade, todos os trabalhos foram aceitos para avaliação.

Após a realização dessa experiência, apesar de seus pontos positivos, limitações também foram observadas. Dentre esses pontos, um que talvez tenha frustrado as turmas foi a ausência de um espaço próprio para a publicação das entrevistas. Como a disciplina é oferecida para turmas de ingressantes, seja pela minha falta de tempo hábil para a estruturar esse espaço ou pelo receio quanto à qualidade dos materiais que seriam produzidos, a opção foi por não investir na criação desse mecanismo, o que pode ter desestimulado alguns estudantes.

Outro ponto sensível foi, em alguns casos, a dificuldade de compreensão quanto à hierarquização das informações contidas nos textos transcritos e a possibilidade de (re) ordenamento de respostas durante a edição final do material – desde que mantidas as informações conforme o que as fontes afirmaram, sem alteração de sentidos.

Apesar dessas ressalvas, uma análise panorâmica da atividade permite afirmar que a realização das entrevistas individuais no estilo pingue-pongue representou um momento de interlocução e aprendizado significativos (Moreira, 2012) para as turmas.

Seja pelas escolhas assertivas de fontes, pelos desafios pessoais superados ou pelos equívocos cometidos e corrigidos ao longo do processo, a atividade proporcionou aos estudantes um primeiro contato com fontes por eles mesmos escolhidas. Esse tipo de dinâmica é muito característico de disciplinas laboratoriais e reforça a definição de que o aprendizado tem de “passar pelo corpo”, como propõem Miranda e Ayres (2020). A implementação dessa prática pedagógica contribuiu para o desenvolvimento da criticidade das turmas e para sua compreensão da responsabilidade que sua futura atividade profissional ocupa no contexto social ampliado.

REFERÊNCIAS

KRONBAUER, Janaíne. Entrevistas coletivas como espaço de experimentação e aprendizagem. In: ANAIS DO VII ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE JORNALISMO (EREJOR SUL), Anais...Blumenau (SC) FURB, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/erejor-sul-2024/999275-entrevistas-coletivas-como-espaco-de-experimentacao-e-aprendizagem/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2025.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

MIRANDA, Cristiane Fontinha; AYRES, Melina de La Barrera. Disciplinas laboratoriais: Aprendizado que passa pelo corpo. -In: MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire (Orgs). **Pedagogia do Jornalismo**: desafios, experiências e inovações. Florianópolis: Insular, 2020. p. 148-159.

MOREIRA, Marco Antonio. O que é afinal aprendizagem significativa? **Revista Currículum**, v. 25, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>. Acesso em 08 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Pró-Reitoria de Graduação. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Florianópolis, UFSC, 2015.